

O LIVRO AMAZÔNICO DOS MORTOS **Lucy Penna, Ph.D.**

**Apresentado no IV Congresso Latino-Americano de Psicologia
Junguiana- 2 – 7 DE SETEMBRO, 2006 em Punta del Este, Uruguay.**

Segundo a mitologia indígena, a morte não é um descanso. Ela surge nos mitos como uma segunda passagem intra-uterina para o desconhecido que gera um temor natural. Se os índios que estudamos pensavam dessa maneira, alguns deles tentaram antecipar os perigos após a morte e proteger-se ainda em vida. Eles possivelmente perceberam que o maior perigo seria acomodar-se na inconsciência. Contidos no abraço poderoso da Grande-Mãe, muitos homens e mulheres que poderiam ser grandes guerreiros morreram ainda inconscientes, feito formigas na boca do tamanduá.

Para permanecer atento, lutando sem preguiça, é preciso enfrentar os horrores descritos nas narrativas ancestrais. E se preparar. Tornar-se um guerreiro, ou uma guerreira, não é só aprender a lutar. Na mítica indígena, guerreiro implica saber guiar-se pelos ancestrais, distanciando-se das amarrações dos desejos. Os xamãs trilham esse caminho adiante dos outros, assim como os guerreiros e as guerreiras cheios de coragem. Os guerreiros espertos sabem voar e pular, enganando os monstros devoradores, projeções dos medos, fantasias dos vivos espelhadas no além. Os elementos mais sombrios e tenebrosos de sua psique se reproduzem no caminho após a morte. E a disputa pelo espaço celeste, para onde parece que todos querem ir, começa aqui mesmo. As crianças aprendem cedo pela boca dos homens e das mulheres anciãs que os espíritos advertem sobre os perigos depois da morte.

Travessia atormentada

A estrada que leva a alma do morto é habitada por árvores e bichos sobrenaturais, enfeitados com a variedade incontável de formas amazônicas. A antropóloga Betty Midlin (1) conta que os índios Suruí, por exemplo, tem de superar os perigos da tucumã, palmeira gigante de espinhos afiados que se fecham sobre o morto. Fugir da goela de Aapeti, que devora os preguiçosos e os covardes. Esquivar-se das fezes do Lagarto, que ajusta a quantidade do seu produto segundo o valor moral do morto... Depois de lutar para não ficar retido pelos fracassados que não conseguiram ir mais adiante, enfrenta o maior teste do medo. Se for dominado, fica nas garras de Oikti, a Onça que ruge alto. Tem de voar mais rápido do que Mekoti, o Urubu esperto que gosta de carniça.

Como se não bastasse, outro obstáculo formidável se apresenta antes que alguém chegue ao céu. Se for mulher, tem de coabitar com Gati, um ser de imenso pênis. Ele mata ou dá enorme prazer, dependendo dos créditos morais da alma. Os homens copulam com Lapoti. É a perdição daqueles com péssimo caráter: desaparecem numa vagina descomunal.

Antes que a alma do morto entre no reino glorioso do criador Palop, uma luta deve ser vencida, como se lê em narração de Midlin (2):

*“O final da viagem é a travessia de um rio, para chegar à aldeia de Palop. Há uma ponte que também é um barco, vem pegar cada alma e a carrega para o outro lado. Se a pessoa, em vida, fez muitos erros e trabalhou pouco, a ponte, chamada *lkabekata*, a joga no rio. A alma afunda de vez. Os *Donos-do-Dia*, *Garbawai*, homens e mulheres com força, atravessam.*

*Durante a travessia, muitas vezes vêem *Lakapoi*, o espírito alto, sobrevoando o rio, com seus colares e pulseiras de cobra, seus carrapatos de escorpião grudados nos testículos, e com *Amoa*, seu jabuti de estimação”. (Midlin, p. 189)*

Em outra pesquisa, narradores do povo Gavião-Ikolen, de Rondônia contam através de Betty Midlin que ainda em vida o treinamento dos pajés inclui atravessar o caminho das almas, o *garpi-pé* que é “ uma estrada muito grande, passa por muitos lugares” (Midlin et al. 2001,p. 118 e sgts.)

Nessa estrada, enfrentam muitos perigos, como a sedução da mulher-calango. Ou do homem-calango, se for uma mulher pajé. Têm ainda os caçadores perfumados, o homem tamanduá e *Bokoa*, o homem- coruja que gosta de dançar sem parar. Mas um perigo terrível é um homem-urubu que come carniça e oferece uma comida repugnante ao pajé. O verdadeiro pajé sabe que essa comida é feita de fezes e só finge que a come. Depois tem de atravessar uma multidão de mortos, tanto índios quanto de todos os povos.

“São verdadeiras cidades de almas. Os mortos vão para lá. O pajé tem de ser muito forte, tem que ter asas para passar. As almas jogam flechas, mas o *wāwā*, o pajé voa, passa, desce, escapa das flechadas. Se uma flechada atingir o pajé, aparece um tumor em seu corpo, acaba morrendo.

Paitxoei, as almas mortas, têm sua aldeia. Choram muito chamando o pajé. É difícil não se emocionar com elas: são pessoas amadas, parentes, amigos, rostos que foram próximos e queridos enquanto vivos. (...) O guia do pajé dá um choque forte nas almas. Assustam-se, afastam-se, perdem a força do mal.” (Midlin, 2001. p. 120-121)

As idéias que os indígenas têm sobre a transformação da alma após a morte assemelham-se àquelas em que os egípcios acreditavam: é preciso lutar, e muito. Saber como escapar dos perigos infernais que aguardam quem deixa este mundo. Os caminhos dos céus não são azuis. Além disso, os truques e as fórmulas mágicas, as rezas para atravessá-lo a salvo, se aprendem em vida, aqui mesmo. Depois, não dá mais tempo.

O medo do aniquilamento da morte é tão fundamental também gera inúmeras criações em mitos e na arte, exorcismos, rituais, preces, bem como treinamentos que propõem a continuidade da consciência além da morte.

[Fotos n 44 ; 45. Urnas da Deusa-Coruja, onde os mortos e mortas ilustres eram colocados em posição fetal.](#)

A Deusa devoradora

Em última análise, quem devora o corpo do morto é a Terra. Ela, que foi envolvida em mistério e arte enquanto arquétipo da Grande matriz, é uma potente

demolidora de corpos. Que depois regenera, através da contínua recriação de plantas, bichos e gente. A coruja agourenta espelha a temível face destruidora da Grande-Mãe.

O arquétipo da Grande-Mãe tem dois aspectos, um nutritivo e outro devorador, que se conjugam para completar o processo de renovação dos seres. Não existe verdadeira oposição, mas uma dinâmica complementar entre nutrir, sustentar e alimentar, para depois devorar, assimilar, transformar e regenerar.

No âmbito impessoal, a Grande-Mãe é a Terra, que os gregos conceberam como Gaia, ou Gea, uma entidade viva. Devorar e nutrir são funções naturais que o planeta tem realizado, há milhões de anos, nem sempre silenciosamente. Quando ocorrem furacões devastadores, terremotos ou erupções de lava vulcânica, modificando a crosta terrestre diante dos nossos olhos, nos damos conta de que a Terra pode acabar em alguns minutos com sua própria criação.

Entretanto, o tempo relativamente curto da vida pessoal permite apenas uma apreciação bem limitada da extensão dos movimentos de Gaia. Esse fator dá a falsa impressão de que o planeta é imutável, estável, simplesmente porque se movimenta em grandioso silêncio, para os nossos limitados sensores. Os povos que convivem com alterações mais rápidas da superfície terrestre, como aquelas provocadas por enchentes, furacões e terremotos, perceberam a face destrutiva da Grande-Mãe.

Talvez um dos exemplos mais fortes da representação do arquétipo da Mãe-Terra como devoradora esteja no arquipélago do Havaí, onde existe um panteão de deuses e deusas conjugados ao fenômeno dos vulcões. Como as ilhas são de origem vulcânica, o passado geológico permanece atualmente vivo, presente nos mitos e nas erupções constantes dos maiores vulcões do mundo: Mauna Loa e Kilauea. Trata-se de uma confirmação da crença popular em Pele (5), a Deusa suprema dos Vulcões. O poder de vida e morte sobre todo o arquipélago havaiano é dessa deusa de temperamento emocional intenso. A mulher de pele trigueira que personifica Pele tem cabelos negros feitos de lava vulcânica. O fogo de suas emoções, o ciúme, a paixão avassaladora, eventualmente atingem o orgasmo. Então ela explode em chamas, lançando um líquido incandescente, vermelho e dourado sobre colinas e vales.

Ardentes pedras arrancadas de suas entranhas constróem declives, montes e praias, criando o chão por onde vão caminhar os bichos e as pessoas. Não sem primeiro devorar quase tudo o que Ela antes havia gerado. Com o passar do tempo, novos pássaros terão onde aninhar-se à noite, as samambaias começarão a verdejar, depois que as chuvas e o vento esfriarem o ardor da substância que saiu do seu ventre. Devastador a princípio, regenerador no segundo momento, tal é a qualidade do magma incandescente, o fogo da terra, personificado na poderosa Pele. Infelizmente, não costuma sobrar muita gente para apreciar o segundo momento.

Terremotos, deslocamentos massivos de terras, bem como erupções explosivas de vapor que devastam grandes áreas, podem ocorrer a qualquer momento no Havaí. Com um mínimo aviso, esses fenômenos revelam a força que modela dramáticas paisagens paradisíacas. O planeta parece estar sempre recomeçando sua história geológica naquelas ilhas. Numerosos laboratórios a céu

aberto presentes em seu território investigam o magno trabalho de auto-regeneração da Terra.

A Coruja mítica responde à uma necessidade psicológica universal de personificar a capacidade regeneradora da Grande- Mãe através de um ser conhecido no ambiente. As urnas amazônicas confirmam a crença milenar no transporte da parte mais sutil da pessoa morta — alma, espírito — para outros mundos, onde continua um novo tipo de vida. Continuação que alude ao mito do eterno retorno presente nos cinco continentes.

Um exemplo dessa projeção sobre a coruja ocorreu na ilha de Creta, na Grécia. No sítio arqueológico de Mallia, encontrou-se um vaso em forma de coruja com asas, feito aproximadamente há cinco mil anos, tendo seios protuberantes e perfurados. O povo daquele lugar celebrava rituais à Senhora da vida-morte-vida nos quais alguma substância mágica simbolizava o leite sagrado da Deusa (6).

As civilizações amazônicas cresceram aproveitando as cheias periódicas e acostumaram-se com a putrefação dos corpos. Observaram que o fenômeno pertence ao ciclo natural da morte e da regeneração de novas formas de vida. As urnas funerárias marajoaras devoram, simbolicamente, os corpos, assim como os protegem. São análogas aos sarcófagos (comedores de carne, em grego), que “engoliam” os mortos, levando-os para a grande viagem noturna. As grandes urnas de cerâmica em forma de coruja compartilham da concepção de que o corpo físico deveria ser devorado para que uma parte mais sutil continuasse o seu trajeto de transformação.

Rezavam os antigos costumes egípcios que a purificação final começava pela destruição da carne no sarcófago, onde a deusa Nut, pintada em tamanho natural, recolhia o corpo em suas entranhas. Como fazia com a estrela solar todas as noites, devolvendo-a ao amanhecer. Um símbolo do renascimento que encontra fundamento no ciclo solar, cotidianamente. Crenças e esperanças sobre a morte e o caminho no além reaparecem em cada época, retratando o profundo questionamento sobre o que é viver

Nas fazendas do Marajó, é comum ver as corujas que por ali aparecem fazendo ninhos no chão. Debaixo de tocos, dentro de buracos, elas se escondem das outras aves noturnas e dos animais roedores. Tal hábito estimularia a impressão de que levam os mortos para o mais fundo da terra, a fim de completar-se a putrefação. No entanto, outros animais habitam em buracos dentro da terra e não foram usados para representar a morte.

Parece mais provável que possuir boa visão no escuro e voar à noite para caçar tenham sido elementos decisivos para tornar a coruja um vetor da manifestação arquetípica associada ao desaparecimento da carne, bem como ao trajeto para o lado invisível da realidade. Os hábitos da coruja associam duas dimensões: o mundo subterrâneo e o mundo alado. Duas dimensões que são percebidas como em perene oposição, pelo menos no mundo cristianizado. Talvez os indígenas conseguissem imaginar uma relação mais próxima entre a terra e o céu.

Foto 43 Uma entidade sobrenatural escura aparece nas laterais da urna-Coruja. Tem patas com cinco dedos, orelhas e vagina, pintados de modo a compor um corpo fantasmático.

A decoração das urnas da Deusa-Coruja mostra a idéia de que duas forças auto-reguladoras estão operantes no seio da terra, longe das vistas humanas, garantindo que algum tipo de regeneração aconteça. Conceitos assim derivam do princípio que atua na mente humana conhecido como a “contracorrida dos opostos” (enantiodromia). De acordo com ele, o equilíbrio da vida, em todas as suas formas, nasce da tensão entre elementos contrários. Na história das religiões, a luta entre espíritos malévolos e benévolos, entre Deus e o Diabo, demonstra a natureza universal da enantiodromia.

A tensão entre saúde e doença, por outro lado, é parte da rotina humana. Uma pessoa vive em constante movimento entre os pólos contrários, até que a morte ocorra. Depois dela, só as crenças aventuram-se a dizer qual é a passagem segura para a regeneração.

A crença atual comum separa as experiências do viver e do morrer. Para quem compara os mitos e as religiões, entretanto, as duas fronteiras da existência sensível ganham um outro aspecto. Desde a história precoce da humanidade, vida e morte foram percebidos como um par de opostos que não se excluíam, mas deveriam ser equilibrados. Criaram-se deidades para intermediar entre os extremos do morrer e do renascer, com necessários rituais, a fim de superar o conflito psicológico ocasionado pela separação.

Desenho n 42 Tipos de olhos nas urnas da Coruja.

Lilith, a tecelã do destino

Lilith estava associada à coruja. Esta famosa divindade cultuada na Suméria e em outras regiões próximas no Oriente Médio era vista como a primeira mulher de Adão, aquela criada da mesma matéria e ao mesmo tempo que ele, que se rebelou não aceitando o domínio masculino. Seu nome significa “a coruja dos campos”, em hebraico. Uma espécie que emite um som mais esganiçado, estridente e penetrante do que o pio das outras corujas. As pessoas facilmente o interpretam como um grito de dor ou de raiva, semelhante ao sentimento que permaneceu em Lilith, após ter sido banida do Paraíso, reza o mito sumério, afirma Buffie Johnson. (5)

Essa pesquisadora e artista plástica americana dedicou cerca de quarenta anos ao estudo dos aspectos essenciais do feminino concluindo que o elemento aglutinador das projeções humanas na figura da Deusa é sua unicidade com os animais. A Deusa de inúmeras máscaras é uma com os animais. Pássaros, peixes, ursos, corujas, leões, vários animais se manifestaram na arte através do tempo como hierofanias da Deusa.

Lilith encarnou uma síntese da “Senhora dos Animais”, uma sedutora mulher alada, com poder sobre os mistérios da morte. Uma peça em terracota conhecida como “Placa de Burney”, com cerca de quatro mil e trezentos anos, mostra Lilith com pés de ave, flanqueada por duas grandes corujas “que reforçam seu caráter noturno e significam sabedoria”, complementa a escritora (6).

A Lilith também foi atribuído o papel de um vampiro, somando-se ao seu caráter de senhora dos submundos, analisa o psiquiatra italiano Roberto Sicuteri (7). A variedade de conteúdos projetados nessa figura controversa demonstra que sua importância foi grande, recebendo posteriormente uma forte carga repressiva. Uma tentativa não vitoriosa para encerrar, no fundo do inconsciente coletivo, o significado da deusa das sombras noturnas, que, como vimos, reaparece na cosmogonia marajoara.

Associada às fantasias que crescem sob o luar, a coruja também simboliza aquela que tece os destinos do homem. Seria por isso que tem a visão do futuro? O desejo de prever o destino, que muitos tentaram por meio do exame das vísceras de animais sacrificados, dos búzios e também dos astros, das cartas e outros meios, é uma constante nas mais diferentes etnias. O objetivo dos xamãs, dos magos, dos filósofos é sempre penetrar no invisível. Para alguns deles, a coruja é a imagem do conhecimento racional que domina as trevas do desconhecido.

A presença da coruja ao lado de Palas Atena, a divina manifestação grega da sabedoria racional, conhecida como Minerva, pelos romanos obedece a um motivo idêntico àquele que tornou esta ave o animal símbolo da filosofia: ver além, no escuro desconhecido. Do outro lado do mundo, na América do Sul, a coruja foi reconhecida como um avatar da noite, um espírito superior, pelos povos pré-incas. Ela aparece em ícones ao lado de figurinhas de cães, nos cemitérios de Chimú, no Peru. Os cães também são notáveis guias dos caminhos sombrios do além.

Joannes Wilbert (8), antropólogo americano que pesquisou durante décadas nos países da América Central e do Sul, testemunha que a coruja estava retratada em numerosas rodas de fiar no Equador. Essa ave ficou associada com as mulheres, com a fertilidade, com a tecelagem e com a modelagem do barro, que sempre foram domínio feminino, nessas regiões.

Desenho 43 A Face intrigante da Deusa-Coruja como pássaro da morte

Tecer e modelar correspondem à atitude transformadora que a mulher realiza nas sociedades não-tecnológicas, assim como tratar da roça e cuidar das crianças. O caráter de cuidar do novo, pequeno ou imaturo está presente em todas essas ocupações. Um certo sentimento de devoção é necessário para dar forma ao que ainda não é nada, trançando fios e amassando o barro. Cuidar das crianças, bem como domesticar as plantas, exige paciência e cuidadosa observação. Para criar algo novo, pessoa, planta ou objeto, é preciso mesclar intuição com razão. Tem-se que adivinhar o que ainda não se conhece. A coruja é também a protetora dos adivinhos.

Uma associação entre a coruja e o xamanismo nos povos pré-históricos dos Estados Unidos tornou-se possível depois que Gehlbach (9) encontrou um raro tipo de cachimbo nos sítios arqueológicos próximos ao rio Mississipi. Recolhidos nos Estados de Illinois e Ohio, tais cachimbos representam uma hábil estilização da coruja provavelmente usada em rituais xamânicos. Narrativas orais dos nativos

daquelas regiões revelam que homens e mulheres praticavam xamanismo usando a coruja como animal de poder quando precisavam prever os acontecimentos.

Ser gente

São informações como essas que sustentam a possibilidade de que a presença da coruja na arte marajoara seja parte do conjunto de práticas ritualísticas para intermediar os poderes dos céus nos ciclos de procriação humana e dos animais, bem como no plantio de sementes. Junto com as tangas e os vasos em forma de seios, as urnas da Deusa-Coruja contribuem para formar um quadro coerente das crenças moldadas segundo a concepção de uma força paridora universal. Por outro lado, indicariam a objetividade do pensamento marajoara, sua esperteza em conseguir usar os seres do entorno para adquirir força, poder e sabedoria.

Sua vida se desenvolveu junto aos ciclos da água. Todos os animais estavam de algum modo relacionados e devem sua classificação ao modo como entram nos ciclos de seca, vazante, cheia e enchente. Talvez, todo o meio ambiente fosse considerado animado, o sol, a lua, o trovão, as árvores, animais, e sobretudo o fogo, o ar, a terra e a água. A relação que criaram com a água dos rios e lagos, assim como com a chuva gerou provavelmente rica narrativas míticas que foram importantes na composição dos costumes sociais. São criações que ficaram quase totalmente perdidas, exceto pelas imagens gravadas em suas cerâmicas. Talvez eles estivessem tão imbuídos da unicidade entre todos os seres que nem mesmo se vissem como gente separada dos animais.

Vários povos estão esclarecendo seus mitos de origem, assim como a relação que possuem com animais e paisagem através de relatos atuais dos seus descendentes. E a sua visão de mundo surpreende por ser tão digna enquanto diferente da que predomina no “mundo civilizado”. As concepções do xamanismo tuyuka, por exemplo opera sobre as relações entre os seres humanos e os outros seres do universo, admitindo que o mundo é feito de hostilidades. Para entendimento das práticas indígenas desse povo que habita o Alto Rio Tiquié, é preciso entrar em sua visão cosmológica, resumida por Cabalzar (10) em associação com numerosos colaboradores nativos, entre os quais, alguns *kumu*, ou xamãs.

Em relação aos “seres do mundo natural”, existem palavras para categorias animais amplas, como peixes, animais de caça e pássaros, mas não existe um termo geral para “animal”. Assim como não existe uma palavra para “ser sobrenatural” ou “ser espiritual(...) *Wati* pode ser traduzido por espírito, mas também designa alma, fantasma, diabo (segundo tradução dos índios falantes de português). *Wati* abrange vários seres da floresta, que têm também nomes específicos. (...) Eles vivem em certas regiões, pessoas os avistaram ou ouviram e são responsabilizados por desaparecimentos ou mortes. Alguns são capazes de trocar sua alma pela alma de uma pessoa, ou simplesmente roubá-la ou tirá-la. Depois disso, a pessoa começa a definhar até morrer, já que sobrou-lhe só o couro, o invólucro. (...) A rigor, é mais correto dizer que o meio ambiente é formado por gentes, tudo e todos têm vida e se relacionam: sol, lua, estrelas, trovão, floresta, animais e assim por diante. (Cabalzar e col., 2005 p.67)

Uma categoria muito importante para os Tukano, também ouvidos através de seus informantes contemporâneos por Cabalzar e colaboradores (11) são os *Wai Masã*, a Gente-Peixe. Eles interagem vivamente com a humanidade, são mesmo uma espécie de ancestrais dos humanos. Na cosmogonia Tukana houve uma transição entre a Gente-Peixe e Gente da Transformação (que seria a humanidade). Alguns da Gente-Peixe não entraram na Canoa da Transformação,(ver capítulo Geografia Xamânica) mas se separaram e continuam com o seu caráter “sobrenatural”, mas são reais. Então, “gente” diz respeito a vários grupos de seres e grupos sociais, não necessariamente humanos.

Um outro comentário dos atuais descendentes Tukano participantes dessa pesquisa sobre a relação entre os povos e os peixes no Alto Rio Tiquié se destaca pela possível analogia com o pensar dos Marajoara:

“Sabe porque antigamente nossos avós não comiam peixe? Porque peixe era gente e gente era peixe” (...) Alguns peixes não entraram na canoa para ficar com o corpo igual ao nosso. Por isso são bravos agora.” (Cabalzar, 2005, p. 68)

E, mais adiante, Laureano Ramos, um *kumu* Tuyuka , referindo-se à relação entre os *Wai Masã* e as cobras, diz:

“Tanto os peixes quanto os animais têm os mesmos chefes, que são os *Wai Masã*. Eles predam os animais. Nos rios grandes, quando cotia, paca, veado ou anta vão atravessar, a cobra grande devora. A cobra-grande é *Wai Masã*.” (Cabalzar, 2005,p.69)

É provável que os Marajoara compartilhassem uma identidade com os peixes comparável àquela dos Tukano, conclui-se pela presença de sobrenaturais como aquela que chamamos “senhora das águas”, assim como pela importância dada às serpentes e outros animais do ciclo aquático em sua iconografia

Referências

1. MIDLIN, Betty e narradores Suruí. *Vozes da Origem*. São Paulo: Ática, 1996, p. 187.
2. MIDLIN, Betty, *op. cit.*, p. 189.
3. MIDLIN, Betty e narradores Gavião. *Couro dos Espíritos Namoro, pajés e cura entre os índios Gavião-Ikolen de Rondônia*, Mauro Leonel (colaboração) – São Paulo: Editora SENAC São Paulo; Editora Terceiro Nome, 2001.p. 118 .
4. MIDLIN, Betty- *op. cit.* p.120
5. KANE, Herb K. *Pele, Goddess of Hawai'i's Volcanoes*. Captain Cook: The Kawainui Press, 1996.
6. GIMBUTAS, Marija. *The Civilization of the Goddess: The World of Old Europe*. New York: HarperCollins, 1991.
7. JOHNSON, Buffie. *Lady of the Beasts*. Vermont: Inner Traditions International, 1994.
8. JOHNSON, Buffie, *op. cit.*, p. 82.
9. SICUTERI, Roberto. *Lilith, a Lua Negra*, 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
10. WILBERT, Johannes. *Studies in Pre-Columbian Art and Archaeology*. Washington, Dumbarton Oaks, 1974.
- 11 . GEHLBACH, D.R. *The Mystic Owl. A Rare Pipe Form*. Ohio Archaeologist, 44(3), Summer 1994:33.
12. CABALZAR, Aloísio, org. Peixe e Gente no Alto Rio Tiquié: conhecimentos tukano e tuyuka, ictiologia, etnologia. São Paulo: Instituto Socioambiental. 2005.

13. CABALZAR, Aloísio, op. cit. p. 68 e segts.